



VALENTE, Luize. *A menina com estrela*. Ilustrações de Gisele Daminelli. São Paulo: Pingo de Ouro, 2022. 128p.

## As ideologias destroem as amizades?

**Sofia Débora Levy\***

Rio de Janeiro, Brasil

sofiadebora@hotmail.com

Uma pergunta tão em voga hoje em dia, também marcou o período nazista. Mesmo entre as crianças. Não tanto pelo conteúdo ideológico propriamente dito, pois que escrito em linguagem adulta, mas por tudo o que dele decorreu.

Em seu novo livro, *A menina com estrela*, este voltado para o público infanto-juvenil, a escritora Luize Valente traz, em seu estilo dialético já presente em suas obras anteriores – *Uma praça em Antuérpia* e *Sonata em Auschwitz* –, um jogo de ideias e posicionamentos entre duas melhores amigas, Eva e Alma, quando da mudança no trato social imposto pelo governo hitlerista. O impacto sobre a forte amizade, visto pelo olhar de duas meninas que desconheciam o conteúdo de leis e decretos, mas conviviam com as novas regras deles decorrentes, aplicadas em casa, na escola, nas ruas, perfaz o fio da meada do livro.

As referências das duas meninas, de mesma idade e convivência inseparável até então, são abaladas de fora para dentro; mas a base interna do vínculo afetivo entre ambas buscava se manter apesar das proibições e distanciamentos forçados a elas impostos. Encontrar brechas de convivência pautada na *philia* que as unia passou a ser o novo parâmetro de convivência. Muitas perguntas sem respostas; muitos riscos permanentes; mas tudo regado ao cuidado de Alma com Eva e de Eva com Alma.

Na dialética da autora, a estrela de David, de uso obrigatório imposto aos judeus pelos nazistas na Alemanha a partir de 1941, e em outros países por ela ocupados mesmo anos antes, é apresentada em seu aspecto positivo nas referências de formação judaica de Eva e assim preservada por ela. Afinal, esse símbolo foi o escudo de um grande rei do povo judeu, o Rei David. Usado ao longo de toda a história dos judeus como um amuleto, esse foi o uso que Eva manteve em sua crença de que, usando a estrela amarela costurada em seu sobretudo por sua mãe, nenhum mal lhe adviria. Ela se manteria reafirmando sua identidade judaica que a estrela simbolizava, como seu pai lhe pedira antes de ser levado com sua mãe e seu irmãozinho bebê num carro preto, cercado pelos homens vestidos de sobretudos pretos, sem mais voltarem.

---

\* Doutora em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Diretora do Memorial às Vítimas do Holocausto.



Com inspiração no *Diário de Anne Frank*, o pai de Eva também construíra um esconderijo secreto, numa das paredes do quarto de Eva. Acionando um mecanismo simples, uma porta se abria para uma área que, após a família de Alma ocupar a casa de Eva, passaria a ser o seu novo lar – um esconderijo dentro de sua própria casa.

A história mostra como as leis arianas alteraram as amizades dos pais das meninas - o pai judeu perde tudo e o pai ariano toma posse de tudo. O antissemitismo personificado na madrasta de Alma, que destila desprezo e distância sobre a enteada, sobre o esposo e sobre os judeus, em especial os até então mais próximos, a família vizinha, a família de Eva. O contraste fica por conta da amizade das meninas.

Alma sente falta de sua mãe, falecida quando ela ainda não conseguia tomar banho sozinha, mas que, como a mãe de Eva lhe explicara, virara uma estrela no céu por ser uma pessoa muito boa e, de lá, poderia ajudar a ela, Alma, e a muitas outras pessoas. Aqui, mais uma vez, a alusão positiva da estrela, ilustrada no céu desde a capa e ao longo do livro – rico, aliás, em belas ilustrações coloridas de Gisele Daminelli, tornam o livro muito atraente a leitores de todas as idades.

O jogo de um grupo social contra outro, estratégia largamente utilizada pelos nazistas, aparece na revanche invejosa do pai de Alma para com o pai de Eva. Indiferente às ajudas que recebia do amigo no passado, o agora oficial nazista supervisionava um campo de concentração, e ali se deleitava com as humilhações e trabalhos pesados infligidos ao pai de Eva. Alma ouvia a conversa dos adultos sem entender direito a que campo aludiam. Essa curiosidade ingênua e sem maldade nos remete ao enredo de *O menino do pijama listrado*, livro e filme bastante utilizados por professores no ensino do Holocausto por trazer à baila a amizade de dois meninos cuja cerca de arame farpado do campo de concentração onde o pai do ariano trabalhava era o ponto de encontro com o amiguinho judeu e ponto de interseção entre os dois mundos antagônicos para os adultos, mas apenas diferentes aos olhos das crianças que buscavam se situar entre ambos.

Assim como a amizade dos dois meninos, a proteção de Alma para com Eva era prova do cuidado mantido pelo vínculo de amizade. A nova ideologia mudara o comportamento do pai de Alma, mas não o dela própria. Ao contrário, quanto mais cresciam as preocupações de Eva, mais Alma empatizava com ela. E aqui também, fatalmente a empatia levou as meninas a trocarem de lugar, literalmente. Quando Eva ardia em febre, Alma a colocou em sua cama e adentrou ao esconderijo – assim conheceu o outro lado da parede, o outro mundo de Eva. Após o fim da guerra, Alma veste o casaco de Eva, com a estrela de David – ambas seguem identificadas em seus propósitos de proteger a outra, mesmo diante das situações e dores mais difíceis, como grandes amigas acima de qualquer ideologia em contrário.



A última parte do livro traz um texto sobre o que foi a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Nesse texto, Valente descreve o modo como o livro foi escrito, uma ficção baseada em fatos, e como os dados históricos se entremeiam na obra. O resultado é um recurso para o ensino da história do Holocausto, com uma mensagem do engajamento da escritora no cuidado para que essa tragédia jamais se repita.

Mas o livro ainda traz mais uma surpresa ao final: um desenho, lápis sobre papel, feito por Luize Valente aos 12 anos de idade, ilustra prisioneiros judeus chegando a um campo de concentração. Marca de sua ligação com o tema do Holocausto que, na vida adulta, retransmite por meio de seus livros ressaltando a memória da dignidade do trato humano que o nazismo borrou com suas atrocidades.

-----

Recebido em: 29/09/2022.

Aprovado em: 05/10/2022.